

TRAVESSIAS: PALAVRA-IMAGEM

[THE TRAVESSIAS PROJECT: WORD AND IMAGE]

Paulo Maiaⁱ

ORCID 0000-0001-8082-1770

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: O Projeto Travessias: Palavra-Imagem, criado pelo Grupo de Educação Multimídia – GEM/UFRJ, em 2008, se dedica a articular ensino, pesquisa e extensão na formulação de ações interessadas na formação de leitores de literatura, principalmente no ensino básico. A proposta do Travessias é relacionar os baixos índices de leitura da literatura com a popularidade das mídias digitais, sobretudo nas escolas públicas. A principal pergunta seria: por que não criar oficinas de adaptação literária para expressões audiovisuais? Como os estudantes, em geral, são contingenciados pela cultura de massa e pelo poder do espetáculo, corre-se sempre o risco do reducionismo. O Travessias desenvolve oficinas de tradução intersemiótica ou transcrição (PLAZA, 1987) há doze anos em escolas do ensino básico. Organizar o trabalho de tradução entre linguagens, com fundamentação crítica e teórica, tem se convertido em um caminho com bons resultados (MAIA, 2018), inclusive para a formação de professores. Com a acumulação realizada pelo Projeto Travessias, alguns caminhos metodológicos desenvolvidos na extensão universitária têm orientado atividades também no ensino e na pesquisa na própria universidade.

Palavras-chave: leitura; literatura; cinema; transposição de linguagens.

Abstract: The Travessias Project: word and Image, created by the Grupo de Educação Multimídia - GEM / UFRJ, in 2008, is dedicated to joint teaching, research, and extension in the application of training actions in reading literature, mainly in basic education. The Travessias proposal relates the low reading rates of literature to the averages of digital media, especially in public schools. The main question is: why not create literary adaptation workshops for audiovisual expressions? As students, in general, are contingent on mass culture and the power of the spectacle, they always can entail reductionism. Travessias has been developing intersemiotic translation, or transcreation, workshops (PLAZA, 1987) for twelve years in elementary schools. To organize the work of translation between languages, based on criticism and theory, it has turned into a path with good results (MAIA, 2018), including for teacher training. With the accumulation carried out by the Travessias Project, some methodological paths developed in university extension have also guided activities in teaching and research at the university itself.

Keywords: reading; literature; cinema; transposition of languages.

“A linguagem só nasce, como a consciência, da necessidade [Bedürfnis], da necessidade orgânica [Notdurft] do intercâmbio com outros homens.” K. Marx

Trabalho é uma categoria ontológica e, entendido na sua dimensão produtiva, permite situar também um princípio educativo. Na medida em que um processo formativo envolve a apropriação integral de instrumentos do trabalho desenvolvidos pelos participantes, há um incentivo ao protagonismo, um estímulo ao engajamento e uma oportunidade para a fundamentação crítica, científica, tecnológica e cultural (SAVIANI, 2007). Trabalho, como princípio educativo, no universo contemporâneo, pressupõe apropriação técnica de meios digitais e audiovisuais. Apropriação e “subversão tecnológica”, visando democratizar a tecnologia para fins de inclusão e acessibilidade (FEENBERG, 2010). O Projeto Travessias: Palavra-Imagem surgiu em 2008 no Grupo de Educação Multimídia (GEM), com idealização dos professores Eleonora Ziller e José Cubero e colaboração dos estudantes participantes do GEM. O Travessias acumula 12 anos de experimentos e propostas metodológicas dedicados à formação de leitores críticos e criativos, no âmbito da escola básica, na graduação e também na pós-graduação, em espaços educativos externos e internos à Universidade Federal do Rio de Janeiro. A proposta central desse projeto é desenvolver e realizar oficinas produtivas de transposição de linguagens, operando “transcrições” (CAMPOS, 2006) e traduções intersemióticas (PLAZA, 1987) da literatura para mídias audiovisuais.

O Travessias partiu de uma demanda elementar ouvida em muitos centros educativos: o que fazer se os estudantes do ensino básico não querem ler literatura, só querem ver, produzir e compartilhar vídeos? O projeto compreendeu que a resposta estava justamente na pergunta. Assim, levar ao chão da escola novas metodologias de ensino que permitam engajamento dos estudantes tem sido a missão do GEM desde sua criação, em 2005, e a oportunidade criada por essa demanda se concretizou em escolas de três cidades fluminenses com as quais o laboratório tinha parceria: a Escola de Pescadores de Macaé, o Instituto Politécnico de Cabo Frio e o SEMBRA de Paraty. Contingenciados pela profusão de produtos audiovisuais oferecidos pela cultura de massa e compelidos à produção exaustiva de imagens fixas e dinâmicas, devido ao acesso à tecnologia digital e

aos canais de distribuição em redes sociais, os estudantes reproduzem a massa cultural da qual eles próprios são parte. Travessias: Palavra-Imagem iniciou ações com professores de escolas de redes municipais e estaduais para estimular a leitura da literatura e a organização de forças produtivas audiovisuais que compreendessem as referências apresentadas e a integralidade do trabalho como produção do conhecimento. A articulação entre literatura, imagem e som ainda permitiu construir referências interdisciplinares, tanto para o GEM quanto para as suas parcerias.

Além da relação entre educação e trabalho e da perspectiva interdisciplinar da proposta do projeto, a noção de direito à literatura é um fundamento importante das ações realizadas. Antonio Candido ressalta, no conhecido ensaio, a fabulação como um direito fundamental e inalienável do ser humano, sob o risco do comprometimento emocional, cognitivo e, sobretudo, humanizador dos sujeitos. Candido destaca a função e o valor como elementos cruciais na relação entre obra, público e tradição. Sendo assim, o Projeto Travessias visa articular demandas objetivas dos estudantes participantes em suas oficinas, via parcerias estabelecidas, com referências canônicas e críticas de universos referendados. Assim, as produções resultadas das oficinas são objetos construídos da relação entre professores e estudantes, universidade e escola, referências clássicas e contingenciadas pela cultura de massa, adequando limites e possibilidades, em processos omnilaterais e transversais.

As oficinas do Travessias

Oficina é um lugar em que a fragmentação do tempo e do espaço se faz necessária para o desenvolvimento de um processo formativo e para a avaliação do próprio recorte definido. No livro *O Artífice*, Richard Sennett faz uma explanação sobre o laboratório científico como um bom exemplo da noção que defende sobre oficina. Segundo ele, a oficina deve ser o lugar em que o fazer e o pensar se encontram indissolavelmente. Ele retoma a divisão proposta pela filósofa Hannah Arendt entre *homo faber* e *homo laborens*, injusta segundo Sennett: “para Arendt, a mente se ativa uma vez realizado o trabalho. Uma outra visão, mais equilibrada, é a de que o pensamento e o sentimento estão contidos no processo de fazer” (SENNETT, 2009, p. 17). O filósofo faz uma retomada das origens desse lugar de produção e formação desde a Grécia Clássica e o papel do demiurgo, passando pelas guildas medievais, focadas no papel do mestre, articulando-as

ao laboratório científico moderno, que se define pelo conflito entre autonomia e autoridade. “A oficina não pode ser um lar confortável para o artífice, pois sua própria essência está na autoridade personalizada e direta do conhecimento” (SENNETT, 2009, p. 95). Sennett coloca o acúmulo do conhecimento como o centro dos interesses de uma oficina, que ele próprio chama de “filosófica”. Entretanto, o teórico vinculado à Escola Pragmatista norte-americana não define conhecimento nem o historiciza nas diferentes relações materiais em que ele se desenvolve. Se, por um lado, o foco na oficina e o projeto levam Sennett a refletir sobre o trabalho como espaço privilegiado da realização sensível e intelectual do trabalhador, por outro, falta uma reflexão sobre como as relações materiais de trabalho educam. Nesse sentido, é necessário saber se a formação buscada em uma oficina, mesmo que filosófica, se dá *para* ou *pelo* trabalho. No primeiro caso, o objetivo visaria a reprodução dos meios produtivos, no segundo caso, o que se visaria é a produção dos próprios meios de trabalho e de uma consciência que dela emergiria.

Sennett se detém sobre o artífice. Ele não aborda as distintas instâncias do proletariado, olha para o trabalhador como um ente especial, seja o deus grego Hefesto, os demiurgos atenienses, os mestres das guildas medievais, os artesãos manuais, urbanos ou rurais, os operários ou os artesãos digitais modernos. Uma oficina filosófica, pela sua concepção, uniria habilidades práticas e consciência crítica espontaneamente pelo simples exercício da vontade. De fato, “o fazer e o pensar” são indissociáveis, como apregoa o teórico, mas nem sempre os processos desenvolvem autonomia crítica. Quando não há uma reflexão sobre as relações materiais de produção envolvidas em uma atividade, respondendo às perguntas “O que se faz?, como? e para quem?”, certamente não há muita preocupação com a emancipação dos sujeitos envolvidos.

Para Marx, a consciência dos trabalhadores é fruto de sua produção material, o sistema ao qual dedicam sua força determina seu pensamento e sua vontade. Porém, Marx indica também o pensamento contrário: a mudança dos meios de trabalho pode mudar o modo de pensar dos sujeitos envolvidos em processos produtivos: “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2020, p. 54). As oficinas que o Projeto Travessias: Palavra-Imagem organiza visam articular os interesses dos envolvidos por meio de metodologias de organização de trabalhos produtivos envolvendo linguagens. A chave crítica buscada está na proposta de

organização coletiva de processos de transformação de textos literários em audiovisuais, mediante acumulação teórica e referências críticas e estéticas delimitadas a cada caso.

É por essa razão que oficina, para o GEM, define-se como uma fragmentação do tempo e do espaço que possibilita organizar um objetivo, delimitando a evolução e a conclusão de um produto. O resultado é o próprio objeto adequado ao fim esperado e, sobretudo, um processo experimentado, bem como a sistematização do seu percurso e da sua organização. Tudo isso dispõe-se a uma avaliação retrospectiva dos caminhos escolhidos, e a diferença das oficinas do Travessias em relação à proposta desenvolvida por Sennett está justamente nessas escolhas. Realizar um processo formativo por meio do trabalho de tradução entre linguagens em que os próprios recursos expressivos e comunicativos envolvidos são acentuados e, na maior parte dos casos, apresentados pela primeira vez requer muitos desafios, mas o central é a organização do processo. O que esse projeto tem realizados ao longo dos anos é uma acumulação metodológica que exige adequações em cada novo contexto. Essa acumulação relaciona limites e possibilidades. De um lado, a predominância da cultura visual e as estratégias de colonização mercantil da cultura de massa, sobrecarregando diariamente os estudantes com informação e padrões formais consumidos e reproduzidos massivamente. De outro, a garantia de atenção e até adesão em atividades produtivas que envolvam essas formas e os instrumentos tecnológicos disponíveis em processos que permitam engajar os envolvidos em novas estratégias de organização e comunicação.

Maria Elisa Cevalco, no artigo “A era da cultura”, faz um balanço dos Estudos Culturais a partir de uma abordagem materialista dialética no século XX. A perspectiva parte das contribuições de Frederick Jameson e Raymond Williams na estruturação da disciplina. De acordo com Jameson, tudo passa pelo crivo das imagens na “lógica cultural” estruturada pela produção dos meios de vida e de cultura do capitalismo avançado. A hegemonia de um grupo determina o estilo de vida, o modo de pensar, de sentir e de reproduzir sua própria subjetividade. Cevalco retoma Lukács para apresentar como o conceito de “reificação” permitiu ver na arte as imagens da ideologia velada nos modos de vida. A forma mercadoria vista pelo teórico húngaro, segundo Cevalco, se materializaria na própria fragmentação das representações simbólicas. Ainda no balanço de Maria Elisa, e reforçando a relação entre vida material e cultural, Freud reforçaria a perspectiva marxiana da produção de subjetividade na esfera capitalista e os pensadores

da Escola de Frankfurt concretizariam a definição de um campo teórico-crítico negativo sobre os estudos da forma objetiva que a ideologia burguesa ganha na “era da cultura”. A Indústria Cultural seria a derrota da civilização pela regressão e alienação a caminho da barbárie, para Adorno, um dos principais nomes da Escola de Frankfurt. Para Benjamin, entretanto, segundo Cevasco, o progresso técnico poderia oferecer formas e condições para uma redenção: primeiro porque a experiência técnica teria liberado a obra de arte da sua relação com o ritual, segundo porque a difusão em massa dos meios técnicos poderia servir como veículo para experiências coletivas que conduzissem à transformação dos modos de produzir, sentir e pensar.

Na linha cronológica desenvolvida por Cevasco, os pensamentos de Herbert Marcuse e de Guy Debord, de um lado, refreariam as ilusões nos anos 1960, de outro, encontrariam caminhos para estimular a revolta. Para o primeiro, a abundância de mercadorias se equacionaria com excessivo controle social no pós-guerra. “A luta contra a liberdade se reproduz na psique do homem, como autorrepressão do indivíduo reprimido, e sua autorrepressão apoia, por seu turno, os senhores e suas instituições” (MARCUSE *apud* CEVASCO, 2017, p. 37). Para Debord, a cultura desse período se define pela acumulação e pela reprodução da comunicação e do espetáculo. A própria palavra comunicação seria enganosa, de acordo com Cevasco, pois “o espetáculo monopoliza a fala e apassiva os consumidores de imagens” (*ibid.*, p. 37). A sociedade do espetáculo se definiria pela apologia e pela colonização do mundo pela forma mercadoria representada em imagem(ns) para a contemplação da sua aparência. “É o coração da irrealidade da sociedade real” (DEBORD *apud* CEVASCO, 2017, p. 36). Para Maria Elisa Cevasco, a própria mensagem reproduz o sistema em moto contínuo:

A predominância do espetáculo dá notícia da colonização abrangente do mundo da vida pela forma mercadoria. Nesse sentido, o espetáculo é a forma final do fetiche. Funciona como eficiente mecanismo de ocultação das relações reais de produção. Sob sua égide, completa-se o processo de inversões que estrutura a forma mercadoria: os sujeitos passam a ser objetos passivos do bombardeamento de imagens escolhidas por outros; o abstrato se apresenta como imagem tangível, ou até mesmo como a única forma do tangível, que se coloca para a contemplação do homem alienado. (CEVASCO, 2017, p. 37)

Marcuse e Debord revelaram, de acordo com Cevasco, a “onipresença e o poder avassalador da imagem na sociedade de consumo” e a predominância do papel da cultura sobre as outras esferas da vida. Com isso, a autora conclui o seu balanço sintetizando ideias de Raymond Willians e Frederik Jameson sobre os Estudos Culturais e o seu papel

crítico de interpretação da “verdade latente na forma” artística, inclusive da cultura de massa, seja no conteúdo manifesto ou reprimido. Jameson, segundo Maria Elisa, vê “a forma como conteúdo social e histórico plasmado pelo artista. O que se costuma chamar de conteúdo já é forma” (CEVASCO, 2017, p. 41). O balanço realizado se conclui com a afirmação da análise praticada por Jameson, segundo a qual a crítica cultural tornaria visível aquilo que o modo de vida nega. Assim, para Maria Elisa Cevasco, na era da cultura, a “distração funciona como um poderoso e incessante mecanismo de repressão. É como se ficássemos o tempo todo olhando sem jamais conseguir enxergar coisa alguma” (CEVASCO, 2017, p. 43).

O contingenciamento pela cultura de massa e pelo espetáculo é o grande limite dos participantes das oficinas do Projeto Travessias, sendo, paradoxal e justamente, a sua oportunidade. Outro paradoxo importante está na articulação entre as referências estéticas identificadas e comuns entre os estudantes e as referências canônicas que necessitam lhes ser apresentadas, respeitando inclusive o direito de acesso a objetos com sedimentação expressiva criticamente valorizada. Desde 2008, as oficinas realizadas têm como filosofia a “transposição de linguagem”, a necessidade de que, partindo de um texto literário, as adaptações realizadas revertam-se em textos novos, baseados no original, mas sem qualquer compromisso de significado. Transpor leitura e escrita em palavras, sons e imagens tem sido a garantia de experiências de introdução aos rudimentos básicos da literatura e do audiovisual. O aprofundamento do próprio projeto, entretanto, permitiu uma análise dos produtos e dos seus processos, visando revisões da excessiva marca da cultura de massa nas produções finais e do exibicionismo e individualismo da sociedade do espetáculo nos processos organizados coletivamente. Para isso, o projeto retomou o conceito de “tradução intersemiótica”, aprofundado por Júlio Plaza (1987) a partir do termo cunhado por Roman Jakobson para se referir à tradução de um sistema de signos a outro. Poeta, artista visual e pesquisador, Plaza desenvolveu uma epistemologia sobre o conceito, definindo suas diferentes convenções simbólicas e sugerindo caminhos e procedimentos. Além de uma tipologia da relação intersemiótica, Plaza apresenta no seu livro a proposta da poesia concretista de realização de “transcrições”.

Na tradução intersemiótica como transcrição de formas o que se visa é penetrar pelas entranhas dos diferentes signos, buscando iluminar suas relações estruturais, pois são essas relações que mais interessam quando se trata de focalizar os procedimentos que regem a

tradução. Traduzir criativamente é, sobretudo, inteligir estruturas que visam à transformação de formas. (PLAZA, 1987, p. 71)

As oficinas de transcrição poética do Travessias no ensino básico ou no universitário partem de um texto literário estudado e experimentado pelos próprios proponentes da atividade, professores e estudantes vinculados ao GEM, bem como de sua fortuna crítica. A ideia é que a equipe se submeta à proposta antes de oferecê-la, experimentando os limites e possibilidades do percurso a ser ofertado. Assim, a tradução entre diferentes códigos se converte ela mesma em um caminho para a acumulação e o exercício crítico e criativo dos pesquisadores envolvidos em selecionar e orientar a leitura da literatura em metodologias participativas de formação de leitores e de professores. Assim, a preparação da oficina já é oficina. A fragmentação de um processo, com etapas de evolução de uma tradução intersemiótica, atende à necessidade de se observar e revisar recortes do desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da realização de produtos culturais. Para o Travessias, traduzir textos literários para mídias audiovisuais significa repor a literatura em circulação em grupos que, de outro modo, talvez a dispensassem. As oficinas realizadas investem na criatividade, na perspectiva crítica e, principalmente, nas articulações intertextuais entre as referências dos estudantes e as que lhes são apresentadas. A ideia central é descobrir no já escrito maneiras de liberar a linguagem para a criação de outras formas possíveis. Nesse aspecto, o GEM encontrou uma referência forte na ideia das oficinas do *Ouvroir de Littérature Potentielle*. Os *ateliers* da Oulipo, como ficou conhecido o grupo de escritores e matemáticos que fundou conjuntamente essa escola literária nos anos 1960 na França, buscavam nas regras da retórica clássica sugestões para relacionar escrita e análise combinatória. A criatividade literária devia emergir da reescritura e da releitura em processos coletivos¹.

Oulipo investia seus esforços no estímulo à análise e à síntese em ateliers criativos. Criando jogos ou resgatando regras da retórica, o objetivo do grupo era a superação “antialeatória” dos exercícios de escrita automática das vanguardas europeias do século XX. Oulipo visava criar formas conscientes de produção estética a partir do conhecimento prévio e da apropriação de regras e de intertextos. Suas atividades se orientavam pelo que os oulipianos chamavam de *contraintes*, traduzidas como restrições e destinadas mais a abrir o código para a exploração de potenciais criativos do que a limitar a criatividade.

¹ Ver dossiê sobre o OULIPO na Revista Terceira Margem (UFRJ), ano IX, nº 13, jul.-dez. 2005.

Com essa noção das restrições, as ações de transcrição poética do Travessias: Palavra-Imagem têm se aprofundado nos últimos anos no campo da formação de leitores e no desenvolvimento de metodologias participativas para o ensino de linguagem. Assim, o GEM tem justificado a sua fundamentação na defesa do direito à literatura, olhar defendido desde os anos 1980 pelo professor e crítico literário Antonio Candido.

Tanto em seu texto clássico sobre o tema quanto no importante artigo “Literatura e Formação do Homem”, Candido mostra como a literatura atende a uma necessidade humana de formação cognitiva e emocional, além da sua perspectiva de orientação educacional. O professor, entretanto, demonstra em seus dois artigos que “a literatura forma porque faz viver”, trazendo o que chamamos de bem e o que chamamos de mal na sua própria forma, sendo o ato da leitura e a descoberta dos mecanismos ideológicos e dos valores plasmados nela justamente o que garante o processo formativo. Assim, não é a seleção de conteúdos pela via moral ou política o que permitiria formar criticamente os estudantes, mas a compreensão de que qualquer texto já é uma seleção e uma hierarquização de conteúdos em uma forma específica, a qual atinge o leitor de um determinado modo, provocando sensações e sentidos. O Projeto Travessias: Palavra-Imagem explora essas sensações e os sentidos apreendidos de textos com amplos potenciais em oficinas com restrições criativas de tradução entre linguagens.

Relatos de quatro experiências recentes do Travessias no modo remoto:

A seguir, serão apresentados quatro relatos de experiências do Travessias realizadas no primeiro semestre de 2020 no modo remoto, devido ao isolamento social determinado pela pandemia do novo coronavírus. Foram algumas iniciativas do projeto para manter suas atividades participativas a despeito da distância física compulsória. Trata-se de quatro longas oficinas divididas em unidades produtivas menores e vinculadas entre si.

1) Oficina de produção audiovisual a partir do poema *Fotografia de Mallarmé*:

Essa ação propôs uma transcrição poética entre poesia, fotografia e cinema. O objetivo foi gerar interesse pelas linguagens, associadas a fim de estimular a criação artística, transformando os procedimentos, as subjetividades e a visão crítica dos envolvidos. A proposta se fundamentou na educação pelo trabalho, na

interdisciplinaridade e na politecnia, que visa uma formação integral entre habilidades técnicas, princípios emancipatórios e orientações teóricas a partir de projetos produtivos. Essa edição teve como referência os conceitos de “cinema de arquivo” e “instrumentalização do pensamento”, do artista visual Harun Farocki, e de “um minuto por uma imagem”, conceito da cineasta Agnès Varda. Essas orientações apontam para um procedimento e uma leitura que limitam experimentalismos e focam em experimentações objetivas, o que constrange à desnaturalização de escolhas estéticas apressadas. Por fim, trata-se de uma oficina de leitura e adaptação literária para o cinema e de compreensão de aspectos das linguagens relacionadas. Farocki desmistifica a ideia de originalidade na produção da linguagem técnica, entendendo-a como um conjunto de padrões recombinaados e reproduzidos através do que ele chama de “instrumentalização do pensamento”, o que o leva a realizar toda a sua obra com ressignificação de acervos audiovisuais públicos. Assim, nessa oficina de leitura criativa do poema *Fotografia de Mallarmé*, o cinema de arquivo foi combinado à ideia de Varda de realizar mais de 150 filmes de 1 minuto com fotografias fixas, em quadros únicos ou em diferentes reenquadramentos com uso do zoom. Essas imagens, em geral associadas a problemas políticos ou sociais da época, são narradas em *voz over* com textos metafóricos e descritivos em ritmos envolventes.

A oficina se dividiu em etapas de estudo crítico dos materiais relacionados e de habilidades práticas de produção audiovisual, conferindo à ação um caráter teórico-prático e integral e às produções, um caráter transversal. A análise da fotografia *Stéphane Mallarmé au Châte*, realizada pelo fotógrafo francês Paul de Nadar em 1895, a leitura do poema *Fotografia de Mallarmé*, de Ferreira Gullar (1999), e a experimentação da tradução intersemiótica dos dois materiais em filmes com duração de 1 minuto e com a restrição do uso desses materiais se estendeu por dois meses. O propósito foi trabalhar a integração entre leitura e escrita entre diferentes mídias, e os desafios da interpretação do poema de Ferreira Gullar equivaleriam aos desafios da sua conversão em vídeo. A integração entre teoria e prática é mobilizada como chave que abre a obra poética e o próprio leitor. *Imagem e Palavra*, de Sergei Eisenstein, um dos textos teóricos debatidos, mostra a importância de fazer coincidir a leitura com a experiência da realização de uma obra de arte:

O espectador é compelido a passar pela mesma estrada criativa trilhada pelo autor para criar a imagem. O espectador não apenas vê os elementos representados na obra terminada, mas também experimenta o processo dinâmico do surgimento e reunião da imagem exatamente como foi experimentado pelo autor. (EISENSTEIN, 2002, p. 29)

O poema *Fotografia de Mallarmé* é ele mesmo constituído por um procedimento de leitura da imagem do poeta que revolucionou a linguagem no final do século XIX, libertando a poesia para vinculações novas com outras artes via possibilidades técnicas da tipografia. Mas Ferreira Gullar lê mais que os artifícios técnicos naturalizados na imagem, ele os lê na contradição com o que pulsa para além do instantâneo premeditado de um gesto forçado, “tudo adrede preparado”, como Gullar se refere aos artifícios técnicos da fotografia. “Uma foto/ premeditada/ como um crime”, menos o olhar do poeta:

(Mallarmé) que
 ali
do fundo
da morte
 olha

O uso criativo do *enjambement* e da espacialidade da página gera um efeito dinâmico e pulsante, vigor poético que busca justamente o que há de vida no artifício técnico. Foi esse o propósito da oficina de transcrição de *Fotografia de Mallarmé*.

As atividades da ação se alternaram entre síncronas e assíncronas, com o uso de plataformas para comunicação livres disponíveis na internet. Além das plataformas, a produção contou com equipamentos pessoais dos participantes e programas profissionais para edição disponibilizados pelo Grupo de Educação Multimídia. A oficina teve como principal intuito divulgar a metodologia do Travessias, mas também objetivou oferecer noções básicas de leitura de poesia e de produção audiovisual. Por fim, a avaliação do processo, no modo remoto, e dos produtos apontou para os limites de suporte tecnológico nessa modalidade de ensino. Como resultado prático, a oficina ajudou o Projeto Travessias a buscar novas propostas e ferramentas para oficinas com poucos recursos e suportes técnicos.

2) Oficina de produção de crônicas do cotidiano pelo *whatsapp*:

O isolamento físico compulsório expandiu o isolamento social de estudantes pobres no Brasil e escancarou a impotência estrutural do ensino básico nas redes públicas. Com medidas paliativas e burocráticas, as escolas brasileiras estão praticamente paralisadas no

que diz respeito a iniciativas de comunicação e ensino na modalidade remota. Por um lado, a maioria dos estudantes não tem acesso ou o tem restrito para interação com seus professores. Por outro lado, as próprias escolas estão perdidas entre as (des)orientações e proibições a qualquer iniciativa pessoal dos professores. Para piorar, a demanda feita aos professores para cumprirem carga horária em reuniões remotas e na produção de conteúdos burocráticos que não encontrarão seu destino tem colocado os profissionais em condições muito mais precárias do que aquelas a que se submetiam antes do isolamento. A sobrecarga de trabalho e as novas exigências de ordem tecnológica e emocional tendem a completar o turbilhão que têm vivido os professores brasileiros do ensino básico. O GEM, por meio de sua atuação na Pós-Graduação em Tecnologia para o Desenvolvimento Social do NIDES/UFRJ², acompanha a orientação de estudantes de mestrado profissional deste programa. Entre os trabalhos realizados, desenvolveu-se uma investigação sobre canais de comunicação com estudantes do Ensino de Jovens e Adultos com uma professora de Língua Portuguesa e Literatura da rede estadual do Rio de Janeiro que pesquisa estratégias transdisciplinares para uma educação politécnica. Como se trata de estudantes adultos que cumprem ensino básico, o critério inicial da pesquisa foi considerá-los como trabalhadores. Sendo assim, a proposta era construir caminhos para uma comunicação real e eficiente entre a escola e os estudantes-trabalhadores. A proposta de contato entre o Colégio Estadual Professora Adélia Martins e as turmas do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - NEJA, realizada com base no Travessias e em conjunto com a professora Daniele Rosa, visa a produção de crônicas do cotidiano sobre as condições de trabalho, renda, moradia e saúde física e emocional dos estudantes. As condições de acesso à internet são muito precárias, mas quase todos os estudantes conseguem acessar ao menos uma vez por semana a plataforma *whatsapp*. Nesse caso, esta se tornou a principal ferramenta de comunicação adotada. Mas a ferramenta por si só não leva ou traz nada. É por isso que foi adotada a proposta de leitura e reescritura de crônicas. De acordo com Antonio Candido, esse gênero se caracteriza pela “brevidade, simplicidade e graça”, compondo, em formas coloquiais e humorísticas, fatos e fenômenos muito sérios e até trágicos. A crônica, no seu caráter “despretensioso, humaniza”. No seu estilo familiar, ela oferece peças reveladoras e penetrantes que

² O Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social – NIDES/UFRJ aproxima 9 programas interdisciplinares de diferentes unidades da UFRJ e coordena um Mestrado Profissional com três linhas temáticas: Trabalho e Formação Politécnica; Gestão Participativa; e Tecnologias Sociais.

estimulam e aguçam o interesse do leitor, de maneira que a sua popularidade tem a ver com a “busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (CANDIDO, 2004a, p. 29). A proposta de realizar um trabalho com crônicas vem dessa sensibilidade, humildade e perspicácia humorística do gênero como resposta a experiências delicadas vividas pelos estudantes-trabalhadores do ensino básico.

A ação está em curso e, atualmente, já se conseguiu realizar um questionário transdisciplinar, envolvendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Biologia e Educação Artística. Esse questionário é uma adaptação de um conjunto de 100 perguntas realizadas por Marx e Engels e enviadas a operários de toda a Europa em meados do século XIX com o uso do sistema de correios. O *Questionário de 1880* tinha a intenção de levantar dados sobre as relações materiais de produção e as relações sociais dos trabalhadores nas fábricas de grandes cidades europeias. Nesse momento, os professores da escola envolvidos na ação estão concluindo a elaboração coletiva e transdisciplinar do seu questionário para enviar aos estudantes. A segunda medida adotada será a seleção e o envio semanal de uma curadoria de crônicas brasileiras para que os estudantes tenham referências e produzam suas próprias crônicas, remetendo-as a seus professores e aos colegas de turma. O trabalho encaminhado será realizado com base na metodologia de transcrição do Projeto Travessias e na pesquisa sobre estratégias de comunicação social com estudantes do ensino básico com uso de multimídias e novas tecnologias e plataformas, desenvolvido pela pesquisadora de mestrado Daniele Rosa.

3) Oficina de transcrição poética com aparelhos celulares:

Clacquete – Práticas Audiovisuais é um curso experimental proposto pela parceria entre o Curso de Línguas Aberto à Comunidade (CLAC/UFRJ) e o Grupo de Educação Multimídia oferecido a monitores de língua estrangeira do CLAC. A proposta é realizar práticas de produção de vídeos sobre leitura e literatura, com ajuda de orientação técnica e fundamentação teórica ao longo do processo. A ação é experimental porque visa criar uma metodologia para ensino em ambiente remoto e porque visa experimentar a restrição ao uso de ferramentas com poucos recursos de captação e edição de imagens e sons. Clacquete tem o objetivo de produzir vídeos experimentais que sirvam como instrumentos de contato com a comunidade interessada e como modelos a serem testados

e revisados nas próximas edições do curso. Clacquete aproveita a metodologia acumulada pelo Projeto Travessias: Palavra-Imagem para replicar a proposta no projeto de oferecimento de língua estrangeira e formação de professores do CLAC. A atividade inicial do curso surgiu do estudo e da transcrição do poema *Muitas Vozes*, de Ferreira Gullar. Trata-se de um aprofundamento valendo-se da acumulação de oficinas anteriores sobre a poesia de Gullar. Nessa atividade, tratou-se de experimentar os procedimentos do próprio poeta no emaranhado polifônico e policrônico que ele desenvolve em suas obras, segundo Antonio Secchin. Para o crítico, a poesia de Gullar é porosa à incorporação de diferentes discursos das ruas, do cotidiano. Secchin demonstra no seu texto *Gullar: Obravida* que essa poética realiza “uma captação plástica dos objetos colhidos no cotidiano” (SECCHIN, 2008, p. 20). Essa integração expressiva, embora sutil, que o poeta realiza entre objetos, sons e palavras, analisada por João L. Lafetá como uma “atmosfera íntima” dedicada a “traduzir-se” tal qual uma “voz pública” (LAFETÁ, 2004, p. 123-124), foi aproveitada nos exercícios iniciais da oficina.

Como é oferecido a monitores de língua estrangeira, graduandos das diferentes modalidades linguísticas da Faculdade de Letras da UFRJ, o curso encaminhado deve produzir diferentes transcrições, com base nas distintas representatividades participantes da ação. Além disso, esse curso visa criar padrões audiovisuais para o contato desses monitores com os estudantes dos cursos de língua estrangeira pelos quais são responsáveis. Nesse caso, além das transcrições, a intenção é que o Clacquete produza também vídeos tutoriais sobre os processos realizados, de modo a gerar roteiros e recursos expressivos que orientem os participantes na replicação da metodologia produzida. A ideia é que cada participante do curso realize seus materiais audiovisuais com base na literatura e, inclusive, replique a proposta com seus próprios estudantes em seus cursos específicos de língua estrangeira.

4) Oficina de montagem de uma mostra de cinema on-line:

A última ação comentada é uma oficina de produção de uma mostra cinematográfica *on-line*. Dividida em atividades síncronas e assíncronas, essa ação é destinada à produção de uma mostra de filmes sobre o tema “Trabalho”. A construção tem como justificativa a demanda dos estudantes e como fundamentação, o processo coletivo e interdisciplinar, além de um conjunto de referências estéticas e teóricas sobre

o tema. A realização da mostra é uma iniciativa da parceria entre a Fundação de Apoio à Escola Técnica – Faetec, o Programa Avançado de Cultura Contemporânea – Pacc/UFRJ e o Grupo de Educação Multimídia – GEM/UFRJ.

A ação, já em processo, conta com 10 encontros para planejamento, produção e avaliação dos resultados. A dinâmica se estende entre estudos individuais e coletivos a partir de objetivos traçados. A primeira atividade dedicou-se a verificar as referências pessoais de cada participante sobre a temática. Trata-se de uma tarefa muito importante justamente para que se possa compreender como os estudantes identificam o tema. A tarefa, entretanto, foi guiada com base no filme *Encontro com Milton Santos – o mundo global visto de cá*, de Silvio Tendler (2006), que debate a ideologia de um mundo livre de fronteiras para o trabalho, a tecnologia e a circulação de pessoas e mercadorias. Após a etapa de debate dos materiais selecionados por todos a partir do filme de Tendler, a segunda atividade foi “garimpar” um acervo com referências clássicas de filmes sobre “trabalho” organizado pelo GEM. Esse acervo se divide em dois momentos históricos: Sociedade Industrial (Fordismo e Toyotismo) e Sociedade Pós-industrial (Neoliberalismo). Para finalizar, o coletivo organizará uma curadoria de filmes e a produção de um catálogo com resenhas críticas. Todo o material será disposto em uma página do site do GEM, que funcionará como mostra permanente.

O que está sendo considerado transcrição nessa ação é a o próprio exercício de seleção, hierarquização e organização de filmes sobre o “trabalho” com base em *Encontro com Milton Santos*. A análise do filme teve a intenção de tornar conhecida a obra do geógrafo brasileiro e a relevância dada aos meios produtivos de comunicação como estratégia de emancipação das camadas marginalizadas das sociedades periféricas. Para Milton Santos, esse seria o primeiro caminho para se construir um mundo global mais justo e livre da superexploração intercontinental de relações materiais produtivas desiguais e combinadas. Para ele, a fábula da globalização como ideologia calcada no fim das fronteiras e no encurtamento das distâncias se perpetua graças à força da cultura de massa e da sociedade do espetáculo. Então, garantir acesso aos meios de comunicação aos pobres tornaria possível uma comunicação que revelasse a perversidade dos modos de exploração atuais e outras contra-narrativas.

O documentário analisado é uma adaptação do livro *Por uma outra Globalização* (2000) e das ideias do geógrafo brasileiro Milton Santos. O autor ficou conhecido pela

sua visão crítica em relação à ideia de uma livre circulação planetária com as fronteiras territoriais esgarçadas graças ao desenvolvimento tecnológico, à flexibilização no universo do trabalho e à mundialização do capital. Santos chamou essa visão sobre a globalização de fábula (fantasia) justamente porque ela esconde a realidade perversa de uma circulação desigual e combinada, com aumento de concentração de renda em alguns territórios e diminuição do papel do Estado e, conseqüentemente, dos direitos sociais em outras localidades historicamente dependentes. Contra essa lógica, Milton Santos propunha uma outra globalização, mais humana. A proposta é desenvolvida em seu livro e tem como ponto central a garantia do acesso aos instrumentos de comunicação pelas camadas populares. Para ele, a globalização perversa impõe seus mitos porque as classes mais remediadas têm acessado o conhecimento apenas como informação, ou seja, pela assimilação apassivada de conteúdos unidirecionais. Uma transformação desse processo viria na medida em que essas classes tivessem condições de também produzir conhecimento com os recursos comunicativos e expressivos oferecidos pelas novas tecnologias. A escolha do filme de Tandler para gerar a primeira pesquisa dos participantes resulta dessa tese do geógrafo e busca compreender a noção de trabalho dentro de uma estrutura mundial de formas de organização do trabalho e de exploração dos trabalhadores, as novas morfologias do trabalho, como diz Ricardo Antunes (ANTUNES, 2014).

Conclusão

O Projeto Travessias: Palavra-Imagem surgiu de um questionamento de professores do ensino básico: o que fazer se os estudantes não querem ler literatura, só querem ver, produzir e compartilhar vídeos? O Grupo de Educação Multimídia compreendeu que a resposta estava justamente na pergunta, de forma que levar à escola novas metodologias de ensino que permitam engajamento dos estudantes na leitura e na recriação de textos literários em mídias digitais tem sido uma das principais tarefas do GEM. A partir de 1998, com o Travessias, foi possível também trazer essa e outras perguntas para dentro da universidade, focando em metodologias participativas de ensino-aprendizagem de linguagem. Este artigo tenta sintetizar alguns caminhos atuais desse projeto na articulação entre ensino, pesquisa e extensão e situar algumas encruzilhadas anteriores. Buscando associar literatura e mídias digitais, acervos canônicos e referências de públicos

contingenciados pela cultura midiática de massa e pelo espetáculo, o Travessias tem testado limites e possibilidades para a formação crítica e a produção de comunicação criativa com estudantes marginalmente isolados, mas potencialmente comunicativos, como acreditava Milton Santos.

A produção de oficinas de transcrição poética é, em si, uma oficina, uma vez que o GEM se preocupa também, além do desenvolvimento de metodologias participativas de ensino de linguagens, com a formação de professores. O recorte dos processos em projetos permite avaliações e revisões de ideias e procedimentos adotados, o que gera acumulação e reformulação de questões, orientadas pelo trabalho como princípio educativo. A linguagem, assim, nasce das necessidades orgânicas criadas na relação objetiva entre os participantes das ações e as demandas sociais.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras linguagens*. 4º ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004b.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés do chão*. In: *Recortes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.
- CEVASCO, Maria Elisa. *A Era da Cultura*. In: ALBUQUERQUE, G. G.; VELASQUES, M. C. C.; BATISTELLA, R. R. C. (Orgs.). *Cultura, Politecnicia e Imagem*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2017.
- EISENSTEIN, S. *Palavra e Imagem*. In: *Sentido do Filme*. Trad. de Teresa Otoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ANTUNES, R. *Desenhando a nova morfologia do trabalho*. In: *ESTUDOS AVANÇADOS: Revista do Instituto de Estudos Avançados*. Universidade Estadual de São Paulo, ano 28, n. 81, 2014.
- FAROCKI, Harun. *Instrumentalização do Pensamento*. In: *O Trabalho com as Imagens*. Fortaleza: Centro de Narrativas Audiovisuais, 2017.
- FEENBERG, A. *A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Trad. de Ricardo T. Neder. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB, 2010.

- GULLAR, F. Muitas Vozes. In: *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- LAFETÁ, J. L. Traduzir-se – ensaio sobre a poesia de Ferreira Gullar. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MAIA, Paulo. Oficina de Leitura e produção de imagem crítica: uma experiência de trabalho como princípio educativo. In: CHEDID HENRIQUES, F.; ADDOR, F.; ALVEAR, C. A. (Orgs.). *Tecnologia para o desenvolvimento Social: Diálogos NIDES-UFRJ*. Marília: Lutas Anti-Capital, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Concepção materialista e dialética da história (1846) – A ideologia Alemã. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; CALDARTA, R. S. (Orgs.). *História, Natureza, Trabalho e Educação*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O questionário de 1880. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; CALDARTA, Roseli Salete (Orgs.). *História, Natureza, Trabalho e Educação*. São Paulo: Expressão Popular, 2020. PLAZA, Julio. *Tradução intersemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, jan.-abr. 2007.
- SECCHIN, A. C. Gullar Obravida. In: Gullar, F. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- SENNETT, Richard. *O Artífice*. Trad. Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.
- TERCEIRA MARGEM: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, ano 9, n. 13, 2005.

Recebido em 10/07/2020

Aceito em 18/08/2020

ⁱ **Paulo Maia** é doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Ciência da Literatura da UFRJ onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado atualmente. É também pesquisador no Grupo de Educação Multimídia - GEM/UFRJ e professor colaborador no Programa Mestrado Profissional do Núcleo para o Desenvolvimento Social - NIDES/UFRJ. **E-mail:** paulomacae@gmail.com